PENAFIEL
(Abragão)

Abragão é uma freguesia do concelho de Penafiel, distrito do Porto. A igreja de São Pedro de Abragão dista cerca de 14 km da sede de concelho. Sair de Penafiel pela estrada N106 na direção de Entre-os-Rios. Na segunda rotunda sair na segunda saída em direção à avenida José Júlio, N15 durante cerca de 400 m depois virar à direita para a rua Cavalum e cerca de 450 m adiante virar à esquerda em direção à variante Cavalum. Cerca de 1,6 km à frente, na rotunda, seguir pela primeira saída em direção à rua Dom António Ferreira Gomes, N320. Permanecer na N320 cerca de 10,5 km e virar à esquerda para a avenida Melo e Sousa, virar à direita para a rua de São Pedro e logo à esquerda para a rua do Passal. A igreja de São Pedro encontra-se à esquerda.

A igreja de São Pedro de Abragão tem uma implantação rural, em zona elevada relativamente à envolvente e está rodeada de habitações rurais e de campos de cultivo.

Abragão, ou *villa Avregam*, figura no inventário dos bens do mosteiro de Guimarães feito em 1059, mas como esse inventário incluía os bens doados por D. Mumadona em 960, poder-se-á recuar a essa data a mais antiga notícia da freguesia de Abragão.

Ainda hoje subsistem vestígios da via medieval que ligava Penafiel a Abragão, passando por Duas Igrejas e Vila Cova. Em Abragão, a via passava nas imediações da igreja, tomando terrenos que são hoje da estrada N320. Abragão era solar dos Mourão Guedes, pertenceu ao couto de Vila Boa de Quires e depois aos marqueses de Fontes, que apresentavam o abade. Em 1746, o Padre Luiz Cardoso afirmava que Abragão era já do padroado real.

Igreja de São Pedro

A PRIMEIRA REFERÊNCIA a uma igreja em Abragão data de 1105, mencionada numa doação de Paio Peres Romeu, que legou a quarta parte de *Sancto Pedro de Auregam* ao Mosteiro de Paço de Sousa, também em Penafiel. Esta edificação inicial terá sido substituída no início do século XIII por uma outra, cuja construção a tradição atribui a D. Mafalda, filha de D. Sancho I. Posteriores a 1105 datam duas doações de particulares, nomeadamente, de Nuno Ordonhes e de Maria Ordonhes de Abragão, que legam ao referido Mosteiro de Paço de Sousa parte dos bens que possuíam na localidade de Abragão. Em fevereiro de 1171, Ermígio Mendes e sua mulher Sancha Peres vendem a D. Múnio Garcia, prior do dito Mosteiro e ao convento, parte de dois casais no lugar de Coreixas, recebendo como pagamento um casal em Abragão e dez morabitinos.

Nas Inquirições de 1258, a igreja de Abragão aparece referida no contexto do julgado de Porto Carreiro. A terça parte da igreja de São Pedro de Porto Carreiro era da igreja de Abragão e a igreja de Porto Carreiro detinha em Abragão 23 casais.

Na lista das igrejas, mosteiros e comendas do reino de Portugal realizada em 1320 por ordem de D. Dinis, a igreja de Abragão, *Auregam*, foi taxada em 50 libras na contribuição para a Cruzada. No contexto das igrejas da Terra de Penafiel, a contribuição de 50 libras é considerada um valor médio, destacando-se as igrejas de Vila Boa de Quires, de Lagares e da Gândara (Cabeça Santa) taxadas em 200 libras cada. Nesta Terra de Penafiel, a igreja de Portela pagava o valor mais baixo: 15 libras. Também incluídos na Terra de Penafiel estavam os mosteiros de Paço de Sousa, taxado em 4 000 libras, e o de Bustelo que contribuía com 1 000 libras.

A igreja de São Pedro de Abragão aparece registada na listagem dos censos do Censual do Cabido do Porto, redigido no século XIV. Segundo esta fonte, a referida igreja encontrava-se no arcediagado de Penafiel que pertencia ao chantre da sé.

Em 1668 houve uma reedificação da nave promovida pelo abade Ambrósio Vaz Golias para atalhar ao estado de ruína em que se apresentava, tendo essa campanha ficado registada numa inscrição patente no lintel do portal da

fachada principal. Segundo Lúcia Rosas, uma epígrafe no interior da igreja, na zona do subcoro do lado do Evangelho, atesta que a igreja fora edificada pelos anos 1200 por D. Mafalda, filha de D. Sancho I, e corrobora que foi reedificada pelo referido abade por estar arruinada. As Memórias Paroquiais de 1758 registam que a igreja tinha três altares e quatro confrarias.

Durante o século XIX a igreja de Abragão recebeu diversas obras. Em 1845 há notícias de "reparo" da igreja financiado por José António de Matos, residente no Brasil. A torre da igreja, concluída em 1822, já tinha sido financiada pelo mesmo benemérito. Anos mais tarde, em 1864, há notícias do mau estado em que novamente se encontraria a nave da igreja. Lúcia Rosas propõe duas possibilidades para se compreender porque num curto espaço de tempo foi a igreja de Abragão alvo de nova intervenção. Segundo a autora, que citamos, esta necessidade constante de obras, por mais exagerada que seja, atesta o estado de precaridade da igreja. Diz-nos, então, que "ou o seu restauro foi menos cuidado que o da cabeceira, mais antiga e por isso mais apelativa no respeito pela antiguidade, que sabemos ter sido uma das características do restauro, ou a menor qualidade da arquitectura do século XVII levou a que o corpo da igreja tivesse um processo de ruína mais rápido que a cabeceira".

À obra de restauro concluída na década de 1840 presidiu a ideia de manter o "cunho e caráter primitivo" do templo. Esta intervenção na igreja de Abragão deve ser entendida no fenómeno do restauro em Portugal no século XIX, iniciado em 1840 no Mosteiro da Batalha e que se estendeu a um conjunto significativo de igrejas medievais.

O que hoje resta da primitiva edificação românica restringe-se à cabeceira, já que a igreja de Abragão viu a sua nave reedificada, dentro do espírito barroco, na segunda metade do século XVII. Orientada, a igreja em estudo é, portanto, composta por elementos de cronologias e linguagens artísticas distintas. Para Lúcia Rosas, a substituição da nave românica em 1668 só poderá ser justificada por uma de duas razões: ou pelo crescimento demográfico da freguesia, ou porque a nave da igreja medieval poderia apresentar um estado precário ao nível da sua conservação.

A ampla nave retangular liga-se à cabeceira românica, mais estreita e mais baixa que esta, afirmando-se uma acentuada diferença volumétrica. Ambos os corpos, com telhado de duas águas, foram edificados com aparelho em granito pseudo-isódomo. Apesar de ser possível que na nave barroca se tenha aproveitado o aparelho originário da nave românica, que a antecedeu e como era comum acontecer, devemos notar que as fiadas do alçado da nave apresentam sensivelmente a mesma altura e são também mais baixas que as da cabeceira. Além disso, na zona mais próxima do cruzeiro, o aparelho mostra uma esquadria menos cuidada que aquela do restante alçado, podendo aqui indicar o aproveitamento de material da estrutura anterior.

Neste contexto, e a propósito da substituição da nave românica, devemos mencionar que em trabalhos arqueológicos recentes, realizados na zona de proteção da igreja, foram identificados diversos silhares provenientes da primitiva nave de Abragão. Na denominada "casa do ferreiro

Perspetiva geral da igreja a partir do lado nordeste



Cabeceira. Alçados este e sul





Fresta na parede fundeira da cabeceira



Rosácea na parede oriental da nave

da igreja" foram encontrados diversos silhares que, por serem ornamentados numa das faces, foram colocados nos seus muros por forma a aproveitar as suas faces laterais, lisas. Na sequência desta ação, foram recolhidos 70 silhares no Museus Municipal de Penafiel. Os vários estudos realizados permitiram a remontagem parcial de um portal românico, com duas ou três arquivoltas, do qual se identificaram mais de uma dezena de aduelas e dois capitéis e duas bases, do lado do Evangelho. Um outro grupo de peças enformaria uma rosácea de consideráveis dimensões e com decoração vegetalista feita a bisel.

O aparelho da abside caracteriza-se pela diferença de altura das fiadas, mas também pela diferente dimensão dos silhares que as compõem, não obstante a qualidade da sua esquadria feita à boa maneira da época românica.

Porque a abside é abobadada, foi esta dotada de contrafortes, para reforço estrutural em ambos os seus lados, que são escalonados para minorar a infiltração das águas pluviais. A cabeceira é, portanto, formada por dois tramos e a sua abobada quebrada é no interior sustentada por arco toral apoiado sobre colunas.

A cabeceira de Abragão conserva a sua estrutura original, não obstante ter-se-lhe adossado no lado norte, durante a época moderna, uma sacristia de planta retangular, com desenvolvimento perpendicular à primeira. A edificação deste elemento transformou definitivamente o seu alçado norte, pelo que é a partir da leitura dos alçados este e sul que podemos ler aquilo que remanesce da sua fábrica.

A parede fundeira da abside é rasgada por fresta que, alargando para o exterior, ilumina a capela-mor a partir de este. Assenta sobre friso que corre todo o exterior da cabeceira, a meia altura do paramento. Desenha-se aqui um motivo fitomórfico, tríplice, ao modo de "ee" invertidos, que se enlaçam. No seu inventário de motivos decorativos, Joaquim de Vasconcelos identificou este modelo com o número um e caracterizou-o como "três cordas, formando arcos de volta redonda, abatidos; meio relevo, resultado, o *cordame*". Este modelo de friso encontra-se igualmente na igreja do mosteiro de Paço de Sousa (também em Penafiel).

A partir de este vemos ainda uma rosácea proto-gótica, com perfurações circulares que configuram uma estrela de cinco pontas, que se rasga sobre o arco triunfal e que permite a iluminação interior da nave. Trata-se de um elemento erudito ao nível decorativo. Envolve-a um toro, que a delimita. Nas aduelas que enformam a rosácea vemos dentes de serra e motivos espiralados. A grilhagem é ornada com o motivo de estrelas de seis pontas dentro de círculos.

No alçado sul da cabeceira abrem-se duas frestas de desenho semelhante ao da parede testeira, apesar de mais largas. Carlos Alberto Ferreira de Almeida defende que o seu alargamento resulta de uma intervenção realizada durante a época moderna. As frestas assentam sobre o friso que se estende por este alçado e, inclusive, orna o contraforte, criando um ressalto. Aqui devemos nomear ainda a cachorrada que sustenta uma profunda cornija. Os cachorros são de perfil retangular, alguns dos quais decorados com motivos geométricos.

A parede fundeira da abside está oculta pelo retábulo-mor de origem barroca. Aqui o granito dos paramentos,

da abobada, do próprio arco triunfal e até da parede testeira da nave, apresenta a particularidade de se encontrar revestido por pintura mural desenhando grotescos, grinaldas de flores e marmoreados. Foi seguramente a solução encontrada durante a época moderna para melhor adequar o espaço de origem medieval à nova liturgia pós-tridentina, atestando desta forma a permeabilidade da arquitetura da época românica às atualizações de gosto de épocas mais recentes.

A meia altura do paramento corre friso formado por duplas elipses entrelaçadas e que prolonga as impostas dos arcos torais e do arco triunfal. O motivo que aqui se apresenta recorda a Sousa Oliveira o portal principal da igreja do mosteiro de São Salvador de Travanca (Amarante). Dignos de nota são os capitéis do arco toral cuja decoração escultórica é de temática vegetalista. Feitos a bisel, o seu talhe é mais plano que biselado, desenhando o motivo das palmetas.

O arco triunfal apresenta uma configuração peculiar pois as suas colunas e respetivos capitéis são muito volumosos, contrastando com a pouca altura da cabeceira. Os seus motivos decorativos são mais elaborados, mostrando temas semelhantes aos do portal oeste da igreja do mosteiro de São Salvador de Travanca (Amarante). Segundo Xosé Lois Garcia, a escola do mestre de Travanca irá influenciar o contexto estético e simbólico de Abragão.

Assim, o capitel do lado do Evangelho, ou seja, do lado esquerdo do observador, mostra quatro aves afrontadas, duas a duas, ao nível dos ângulos, onde os seus pescoços se entrelaçam. A face frontal do cesto do capitel é marcada pela presença de uma cabeça de animal que abocanha as caudas das aves. Confrontante com este, o capitel do lado da Epístola é dominado pelo tema das figuras atlantes, cujas cabeças na aresta do cesto parecem acentuar, a Lúcia Rosas, a função de suporte da coluna. Sousa Oliveira procurou ir mais longe na interpretação do seu sentido quando, além de aludir à atitude de esforço que os braços afastados dos homens convocam, afirmou ainda que "com as mãos seguram o que [nos] parece ser uma folha, encurvada por fora, mas que bem pode figurar um livro". Para este autor estaríamos, assim, diante do tema dos "leitores". Ferreira de Almeida refutou esta possibilidade, anos mais tarde, afirmando que os atlantes se apoiam antes em folhagem vegetal estilizada.

A notabilidade destes capitéis deve ser firmada, não só pela temática neles representada, pouco comum ao românico português, como também pela qualidade da sua escultura arquitetónica. Lúcia Rosas, em estudo já dedicado a esta igreja, explicou bem este conceito. Aqui a escultura não só é feita na própria arquitetura, adaptando-se a esta, como também os seus motivos estão subordinados ao lugar que ocupam.



Interior. Pormenor da abside



Interior. Capitéis da abside: arco triunfal (em cima) e arco toral (em baixo)

Na face interna a rosácea mostra como motivos decorativos, feitos a bisel e convocando um reportório tradicional, as suásticas flamejantes, as rosetas de seis folhas e as palmetas.

A igreja românica de São Pedro de Abragão foi fundada pela infanta Dona Mafalda, filha de D. Sancho I, e desse período conserva apenas a capela-mor. A cabeceira e o respetivo arco cruzeiro são os únicos elementos que sobreviveram da construção românica que deve ser entendida no contexto do dialeto do *românico nacionalizado* dos vales do Sousa e do Baixo Tâmega e que remete a datação do monumento para entre o primeiro e o segundo quartel do século XIII. Não obstante as transformações sofridas no seu espaço interno, nomeadamente a presença do

retábulo-mor barroco e da persistência de pintura mural a cobrir os paramentos pétreos, elementos seguramente posteriores à época de construção da cabeceira de Abragão, esta deve ser considerada um excelente exemplo para a compreensão do fenómeno policromo e de como a cor altera a leitura e o ambiente destes espaços.

A nave e fachada principal correspondem a uma reedificação da segunda metade do século XVII, apesar de profundamente intervencionadas durante o século XIX. A igreja foi classificada como Monumento Nacional em 1977 e, em 1998, foi integrada na Rota do Românico do Vale do Sousa.

Texto: MLB/JL - Fotos: JNG/MLB/RR

Bibliografia

AGUIAR, J.M., 1943, p. 58; ALMEIDA, C.A.B. *et alii*, 2008, p. 57; ALMEIDA, C.A.F., 1978a, II, p. 175; ALMEIDA, F., 1971, IV, pp. 95-96; BOISSELLIER, S., 2012, p. 132; CARDOSO, L., 1747-51, I, pp. 20-21; CENSUAL do Cabido da Sé do Porto, 1924, p. 575; COSTA, A.C., 1706-12, I, p. 396; GARCIA, X.L., 2018, pp. 14-21; GEPB, 1935-60, I, pp. 98-99; LMUMADONA 45(81)=VIII(225); LTPSOUSA, doc. n.º 30 (de [post. 1105?]), doc. n.º 31 de ([post. 1105?]), doc. n.º 63 (de 1171, fevereiro); MEM. PAROQ. 1758 (2009), pp. 511-513; OLIVEIRA, A.S., 1967; PMH, INQ., p. 596 (de 1258); ROSAS, L.M.C., 1995, II, pp. 18-19; ROSAS, L.M.C., 2008, pp. 70-83; SANTOS, M.J.M.C.F., 2004, II, p. 28; SANTOS, M.J.M.C.F., 2008; SIPA.